**CINEMA-EDUCAÇÃO-ESCOLA: AGENCIAMENTOS EXPERIENCIAIS POSSÍVEIS**

Andreza Berti – UFRJ

**Tessituras e enquadramentos exordiais**

Partindo da premissa de que é a experiência que permite o exercício de pensamento, este resumo propõe compartilhar uma proposta metodológica, a partir da condição de estar “fora-de-posição”, deslocada, em uma busca incessante por prestar atenção às coisas do/no mundo. Na relação com um mundo enquadrado pelas mídias sociais, mediadas por uma profusão de compartilhamento de vídeos, áudios e imagens, que acabam por produzir mais distração do que atenção, é fundamental fortalecer ações dialógicas, cuja base ético-estético-política pretende “dar a ver”(RANCIÈRE, 2009)elementos de pulsão que vêm se revelando cotidianamente nas escolas.

Neste sentido, ao lançar um olhar atento para a realidade, colocamos em jogo o nosso pensamento (enquanto educadores/as) e o próprio pensamento pedagógico. No caso específico desse trabalho, destaco a atividade com o cinema na escola, visto que essa exposição (e disposição) à experiência pode convocar um olhar atento às coisas (dispositivos) escolares. Em diversos momentos, podemos deslocarmo-nos entre perguntas-movimento, sobre o que há para ver, escutar, pensar, produzir e sentir com as escolas. O que experienciamos quando estamos diante da presença do outro? Como podemos nos expor e nos posicionar no mundo na relação com o outro?

As relações pedagógicas estabelecidas entre professores/as e estudantes, mediadas pelo cinema, podem alimentar a reflexão em torno do campo cinematográfico e oferecer subsídios para problematizá-lo, do mesmo modo que a ampliação das práticas artísticas no campo educacional pode possibilitar a expansão dos modos de ver, viver e prestar atenção ao mundo, e, consequentemente, ao outro.

Assim como o que acontece entre um plano e outro, entre os movimentos da câmera, em que somos introduzidos ao filme, somos demandados a inaugurar um mundo. Ao inventarmos mundos, alteramos o estado das coisas. Cada enquadramento nos convida a parar para olhar, sentir, refletir, demorar mais sobre os elementos. O que surge a partir do agora já é outra coisa, e não mais o que era. Assim como acontece nas experiências com o cinema, as experiências com as escolas nos colocam em jogo. Em um jogo relacional entre o eu e o outro, o outro-eu (outro-cinema, o outro-educação, outro-escola).

Fresquet (2013) ao pensar essa (re)construção do mundo, em sua possibilidade de articular o real e a fantasia, considera que a imaginação depende da quantidade de situações experenciadas, destacando a pertinência da alteridade para essa relação. “Só porque a imaginação trabalha orientada pela experiência do outro é que o produto da nossa fantasia nos aproxima de determinada realidade, alargando as possibilidades do conhecimento” (FRESQUET, 2013, p. 33). Assim, o outro nos ajuda a ver coisas que não vimos e, a partir do relato de outrem, podemos (de)compor a imaginação e inventar a realidade, portanto, o mundo.

Desse modo, como nos preveniu Larrosa (2011, pp. 5-6), não existe experiência “sem a aparição de alguém, ou de algo, ou de um isso, de um acontecimento em definitivo, que é exterior a mim, estrangeiro a mim, estranho a mim, que está fora de mim mesmo”. Dessa proposição, sugiro aqui, como exercício de pensamento, considerar a educação como arte, como um modo de fazer artístico, capaz de intensificar vidas e devires (individuais e coletivas), de tecer redes de solidariedade, como ato de resistência contra toda forma de fascismo.

**A experiência como princípio**

Ensaio possibilidades entre cinema-educação-escola, trazendo para a discussão o convite feito por Larrosa (2014b) para pensarmos a investigação no campo educacional a partir da “metodologia” de alguns cineastas, isto é, entrelaçar procedimentos metodológicos cinematográficos e educativos. Sem perder de vista que, o sujeito da experiência – exposto, sensível e intenso – é afetado e deixa-se afetar pelos acontecimentos que interrompem o tempo e o espaço, a tal ponto de suspendê-los. Demandando assim, olhar com cuidado, diminuir o passo, demorar-se sobre as coisas, tornar a ver, “experienciar formas sensíveis de relação com o mundo” (BERTI e LARROSA, 2016), a fim de apreciar, atentamente, o que se passa.

A forma como os cineastas escolhem trabalhar com o material fílmico, como percorrem o caminho (no processo de fazer filmes) e como as coisas acontecem no presente, no exato momento em que se está produzindo um filme; fornecem pistas para concebermos a práxis em educação. Os procedimentos escolhidos pelos cineastas podem servir de inspiração para gestos pedagógicos, uma vez que essas ações educativas partem da relação com o mundo (como o pensamos) para refletir sobre as linguagens e processos pedagógicos predominantes nesse mundo, tendo como base a própria figura do/a professor/a, visto aqui como sujeito da experiência.

Com efeito, tanto a experiência educativa quanto a cinematográfica pode promover a afirmação dos sujeitos, a partir da expressão de suas singularidades (seja para a produção de um filme, ou de uma práxis pedagógica), ao sinalizar algumas pistas do caminho percorrido pelos cineastas, que se traduz em um método, não um método genérico (aplicável a qualquer filme), sobretudo, um método singular que surge na confecção de cada filme, no caminho, “que não é anterior ao processo, mas, sim, que vai sendo elaborado durante o processo à medida que se tomam decisões e que se pensa com elas” (LARROSA, 2014b, p. 23).

Nesse movimento, ser educador/a requer uma forma singular de habitar as escolas, na medida em que nos convoca à presença como sujeitos da experiência. Por isso, o conceito de experiência é fundamental. O sujeito da experiência – exposto, sensível e intenso – é afetado e deixa-se afetar pelos acontecimentos que interrompem o tempo e o espaço, a tal ponto de suspendê-los, fazê-los parar, a fim de apreciar, atentamente, o que se passa. Nesse sentido, “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (LARROSA, 2014a, p. 32).

O conceito de experiência, portanto, coopera com a ideia de que o *espaçotempo* do cinema-educação é um *espaçotempo* de encontro, de conhecimento, de afetos, de alteridades e de tomadas de atenção. A experiência com o cinema se faz na relação entre nós e o filme, entre o que se passa quando estamos atentos a alguma coisa do mundo. Podemos codificar seus signos, decupar as imagens, extrair todo o seu significado, participar da pré-produção à pós-produção e, ainda assim, não ter passado por um processo de transformação capaz de “forçar pensamentos” (GALLO, 2003, p. 45), produzir conhecimentos e desterritorializar sentidos – para territorializar em outra coisa que não sabemos o que é, na radicalidade da alteridade, em caráter inicial, como a primeira vez em que algo acontece.

Esse caráter inaugural e único nos permite experimentar a liberdade e o imprevisível, pois depois de algo ter nos passado, não sabemos o lugar que habitaremos e o que passará a nos constituir – até a próxima experiência. A educação, compreendida, portanto, como território das experiências, como lócus da experiência, na relação que se estabelece entre os sujeitos habitantes desse *espaçotempo*, “dá a ver” (RANCIÈRE, 2009) o compromisso firmado com todos (e qualquer um).

Por isso, pensarmos a educação, a partir da experiência, é inspirador, porque sugere movimentos, deslocamentos, interrupções temporais, obrigando-nos a parar, escutar, olhar com atenção, forçando-nos a suspender a opinião, tão demasiadamente fabricada pelo excesso de esclarecimento e informação do modo de vida contemporâneo. A experiência não se reduz ao âmbito dos esclarecimentos, não é preciso que alguém esclareça/ilustre sistematicamente uma coisa para que se aprenda a ter experiência. A experiência, e os saberes de que dela emanam, é a apropriação da própria vida; é caminhar pela vida; é, antes de tudo, “(...) uma forma singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo)” (LARROSA, 2014a, p.32).

Como desdobramento, aposto que a presença do cinema na escola tem a potência de produzir muitas alteridades possíveis, proporcionando a invenção de si e do outro, ao promover o encontro de diferentes formas de ver, sentir, pensar e agir no mundo; anunciando “a dimensão propriamente democrática da presença do cinema no processo de aprendizado” (MIGLIORIN, 2010, p. 108).

**Considerações moventes**

O que fazemos com tudo o que *nos acontece* e *nos passa?*

Este trabalho, ao trilhar por *espaçostempos* educativos*,* sobretudo os escolares, solicita uma observação atenta para percorrer os caminhos, implicando uma relação de aprendizagem através da experiência, no sentido do embarcar, entregar-se e expor-se, para vermos o visível, isto é, ver as coisas que já estão aí.

Nesse sentido, ao nos deslocarmos com outros, muitos outros, buscamos destacar ressonâncias entre a educação e o cinema. Tais reverberações educativas no diálogo com a arte cinematográfica, pode oportunizar encontros entre alteridades, a partir do que compõe o *campo* da cena e, o que fica no exterior, fora do campo. Dito de maneira cinematográfica, no *extracampo.*

Sabendo que os elementos que compõem um determinado enquadramento podem dizer muito sobre uma estrutura narrativa, porém, não expressam tudo; interessa-me habitar a escola tanto em sua arquitetura estrita, como em sua arquitetura simbólica. Interessa-me caminhar entre as brechas, com a perspectiva de intervir nas fissuras, provocando aberturas que possam fazer circular e proliferar pensamentos, conhecimentos, imagens, sons, afetos, desejos.

A arte cinematográfica, portanto, surge como elemento desestabilizador, desterritorializante e produtor de afetos, convidando-nos a partilhar, colaborar, estarmos juntos, em um pujante encontro de alteridades. Revela-se como uma potente (e ressonante) materialidade de expansão da vida.

O cinema possibilita o trânsito de qualquer pessoa por seu território. Tanto no ambiente escolar quanto no ambiente cultural, há circulação de diferentes sujeitos e, embora cada um tenha uma posição (e responsabilidade) definida nesse território, a arte cinematográfica realça a força política da igualdade: é para todos e qualquer um.

**Referências:**

BERTI, Andreza; LARROSA, Jorge. Cine en (per)curso. Un ejercicio de pensamiento entre Lixo Extraordinário y Estamira. **Revista de Estudios Interculturales desde Latinoamérica y el Caribe.** Entretextos., v. N19, p. 60-73, 2016.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação**: reflexões e experiências com professores de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n. 2, p.4-27, jul./dez. 2011. <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>. Acesso em 23 de abril de 2024.

\_\_\_\_\_. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014a.

\_\_\_\_\_. Como entrar no quarto da Vanda: notas sobre a investigação como experiência (tendo como referência três filmes e alguns textos de Pedro Costa) e considerações sobre a investigação como verificação da igualdade (tendo como referência alguns textos de Jacques Rancière). *In*: KOHAN, Walter; MARTINS, Fabiana; NETTO, Maria Jacintha (orgs). **Encontrar escola: o ato educativo e a experiência da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014b.

MIGLIORIN, Cezar. Posfácio: Cinema e escola, sob o risco da democracia. In: **Revista de Educação Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 9. - janeiro/julho 2010. <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1604>. Acesso em 23 de abril de 2024.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo. Ed. 34, 2ª edição, 2009.